

VOLTA REDONDA, RJ, 30 DE AGOSTO DE 1996

Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro e meu amigo, companheiro Marcello Alencar; Senhores Ministros de Estado que me acompanham; Senhor Prefeito de Volta Redonda, Paulo César Baltazar da Nóbrega; Senhor Presidente do Conselho de Administração da Companhia Siderúrgica Nacional, Benjamin Steinbruch; Senhor Presidente da CSN, Silvio Coutinho; Senhores Diretores; Senhores Funcionários da CSN; Senhoras e Senhores;

Esta é uma companhia duplamente pioneira. Ela é símbolo da industrialização brasileira já faz muito tempo, e as datas foram aqui referidas. Em outro momento da história do Brasil, foi preciso que houvesse um conjunto de pessoas dispostas e decisões corajosas para que sonhássemos em ter uma companhia siderúrgica no Brasil. Os que conhecem um pouco a História não podem deixar de mencionar pelo menos dois nomes. Ao mencioná-los, presto homenagem ao conjunto de brasileiros que teve o descortínio de perceber que o Brasil mudava de padrão, que começava a ser um país que se industrializava para valer.

O Presidente da República de então, Getúlio Vargas, teve que desenvolver uma estratégia complexa. Os que lerem os livros de História saberão que foi preciso, no momento em que estávamos nos aproximando da Segunda Guerra Mundial, a astúcia da política externa para fazer de conta que íamos fechar um acordo com a Krupp, da Alemanha, e assim forçar a United States Steel Corporation e o governo americano a cederem na possibilidade de empréstimo do Eximbank para permitir que houvesse um alto-forno no Brasil.

Naquela época, dizia-se que o Brasil era muito bom para importar produtos e não tinha mercado suficiente para produzi-los. E foi preciso toda uma estratégia política complexa e uma decisão de governo para que fosse, então, induzido o acordo com o governo americano, que permitiu, através da concessão de um empréstimo, a possibilidade do início dessa siderúrgica.

O outro nome que quero mencionar como homenagem é o do General Macedo Soares, que foi o primeiro grande inspirador e organizador desta empresa, numa época em que havia muito mais dificuldades. Ainda hoje, vindo com o Governador Marcello Alencar, ao olhar essa enorme quantidade de edifícios, eu dizia: “Imagina que esforço formidável! Pensar que algum dia fosse possível ter plantado, aqui, em Volta Redonda, aqui em cima, no Estado do Rio de Janeiro, uma indústria desse porte!” Imaginem isso no fim dos anos 30 e no início dos anos 40, quando o Brasil era um país basicamente agrícola, onde 70% da população, pelo menos, vivia nos campos!

Não havia sequer articulação do Norte com o Sul, e o Oeste do Brasil era uma fronteira desconhecida. Não era fácil imaginar tudo isso. E, por certo, não bastariam a competência e a astúcia de Vargas, o denodo e a capacidade organizacional de Macedo Soares para construir esse empreendimento. Era preciso que houvesse trabalhadores, a voz – como disse o nosso Presidente, há pouco, o senhor Steinbruch –, a voz de muitos dos senhores que vieram aqui, trabalhar nesses fornos. Só quem andou perto deles sabe o que significa o suor do rosto de quem trabalha num forno; e numa época em que não se tinha, como se tem hoje, nem sequer a possibilidade de prever,

em termos de engenharia e de organização, uma situação de maior segurança para o trabalhador.

É, portanto, esta obra que aqui está o resultado de um esforço muito grande de um país, de um povo, de gente que decidiu crescer, que decidiu plantar aqui no Sul, na América do Sul, uma civilização de base industrial. Este pioneirismo, esta vontade de realmente mudar as coisas é que serve de inspiração para aqueles que, hoje, têm a responsabilidade, como nós todos temos, de, noutra etapa do Brasil, seguir adiante com o mesmo espírito.

Os pobres de espírito não percebem, muitas vezes, quando as etapas mudam. E pensam que é preciso manter intocado aquilo que os nossos pioneiros, os nossos maiores plantaram. Mas a verdadeira homenagem que se presta àqueles que sonharam com o Brasil industrializado é a de perceber, na nova fase do mundo, quais são as possibilidades de seguir adiante com essa industrialização e com as transformações da sociedade.

Aqui, sim, os senhores – e me refiro diretamente aos trabalhadores e aos sindicatos – foram pioneiros no Brasil, porque se arriscaram a fazer aquilo que muita gente temia, e até com razão, porque a incerteza sempre existe: participar de um processo de privatização.

Eu acompanhei mais ou menos de perto essa decisão e sei, também, das dificuldades, das dúvidas que nós todos tínhamos: vai dar certo? Até que ponto será possível? Não vai destruir a possibilidade de um passo maior no Brasil amanhã? E qual vai ser, de fato, a participação dos trabalhadores? E os grupos que virão? Serão nacionais? Serão estrangeiros? Vamos desnacionalizar a nossa indústria? Vamos fazer com que haja desemprego? Não é fácil tomar decisões, porque sempre se tem um marco de incertezas.

Mas é preciso ter fé, crença, coragem e competência para fazer o que é necessário em cada momento da História. E os senhores tiveram essa coragem, essa competência e essa fé, e aqui está esta companhia, hoje, companhia que continua avançando – não me referirei a dado algum, porque os dados já foram mencionados pelo Presidente do Conselho da empresa.

Os senhores sabem, melhor do que ninguém: ela continua avançando, e neste avanço não houve perda de participação dos trabalhadores; ao contrário, no controle das decisões da empresa, ela foi pioneira. É a maior empresa privada nacional. Pois o que significa hoje dizer “privada”? Tem que significar cada vez mais não a propriedade de uma pessoa, de um grupo, mas uma coalizão de grupos e de governo e, sobretudo, uma participação crescente e mais ativa dos trabalhadores e dos empregados.

Há dificuldades? Por certo que há. Os salários são adequados? Nunca são, num país como o nosso. É sempre necessário mais. É preciso fazer uma correlação entre o possível e o desejável, e não ficarmos só no possível, insistir um pouquinho mais para que o desejável se aproxime do possível. Mas é preciso saber, também, que, nesse esforço crescente, nós vamos ter que buscar fórmulas novas de distribuição dos frutos do progresso econômico.

Fui um dos autores da lei – mais tarde transformada em medida provisória pelo Presidente Itamar e, agora, por mim, de novo – da participação dos trabalhadores no lucro das empresas. É preciso avançar nessa direção. É preciso compensar, muitas vezes, a impossibilidade de um ajuste salarial com uma perspectiva de melhores recursos distribuídos através da participação nos lucros.

Será isso impossível? Por que impossível, se nos países mais industrializados – que continuam avançando – isso está sendo realizado num ambiente que é de convergência? Por certo com conflito, por certo com discórdia, porque o mundo moderno não é o mundo dos que dizem “sim”, dos que dizem amém a tudo. Não. É o mundo em que cada um coloca a sua posição com dignidade, com firmeza, mas também com o propósito de sentar-se à mesa de negociação e de chegar a um resultado que mantenha a base produtiva, sem a qual nada avançará; e que permita, progressivamente maior bem-estar da população e do seu entorno.

Nesse aspecto, também, os senhores são pioneiros, e as senhoras, por certo. Nesse aspecto, também, o pioneirismo dessa companhia se faz sentir, e muito forte, quando vejo os resultados mencionados

pelo Dr. Benjamin a respeito do entorno da companhia – uma companhia que passa, de novo, a servir à comunidade, a aumentar a quantidade de empregos e a prestar atenção ao meio ambiente; que vai buscar o ISO 14000 e quer ter o cinturão verde, quer mostrar aos brasileiros e ao mundo que é possível progredir sem destruir o meio ambiente.

Isso é fundamental – fundamental para que possamos ter um futuro mais prazeroso para todos os brasileiros e os nossos descendentes.

Tenho muita confiança no Brasil e vejo essa confiança renovada, hoje, aqui, nesta empresa e na que vamos inaugurar. É mais um passo na direção do progresso industrial do nosso país.

Estive na Amazônia na semana passada. Fui à fronteira com a Colômbia, a 1.500 km de Manaus, para verificar se lá, também, na nossa fronteira, existia um pelotão do Exército e várias tribos indígenas. E encontrei lá uma escola ensinando em várias línguas, entre elas o português e o tucano – e não por ser eu tucano (*risos*), mas porque é uma região habitada por índios tucanos. Naquela escola se aprendia em várias línguas. Lá longe. No Brasil. Fui lá para dizer que, depois de muitos anos, quando o Brasil quase esqueceu que tinha de crescer a sua economia, estamos dando início, lá, à exploração do gás de Urucu, com a Petrobrás associada com várias empresas, para ter energia elétrica em Manaus, no Pará e, mesmo, mais ao sul, em Rondônia.

Fui lá também para dizer que nós estamos fazendo uma estrada, a 174, que vai permitir uma abertura do Brasil para o Caribe, para poder dar sentido à produção da Zona Franca de Manaus; e para dizer que faria aquilo que nunca tinha sido feito, ou seja, uma linha de transmissão permitindo ao povo do Pará usufruir da energia produzida em Tucuruí. Essa energia, que era usada apenas para produzir o alumínio, poderá assim ser também, por meio de um novo linhão, utilizada para enriquecer uma faixa imensa do Pará, que necessita de mais energia.

Fui ainda dizer que já estamos com uma nova hidrovia, a hidrovia do Madeira, que vai dar vazão à produção que se faz em Rondô-

nia e no Mato Grosso: ela vai passar em chatas que vão subir o rio Madeira e desembocar no rio Amazonas. Já há um porto feito, a ser inaugurado em setembro, um terminal graneleiro para exportar soja pelo mundo, cortando o preço do frete pela metade.

É um Brasil novo, que depende muito de nós todos, da confiança que tenhamos em nós próprios e na nossa capacidade de decidir e de enfrentar as dificuldades; de dizer “não” quando for necessário, mas com a certeza de que esse “não” é provisório, porque amanhã teremos um Brasil mais forte e mais capaz de abrigar melhor seu povo.

Estamos numa nova etapa do crescimento do Brasil. Mencionei a Amazônia, mas poderia mencionar vários outros empreendimentos que são em massa. Um que quero mencionar aqui é o porto de Sepetiba, que vai, sim, ser feito. Dentro de poucas semanas, vamos dar os recursos necessários ao Governador Marcello Alencar. Esse porto é vital, até mesmo para a CSN, porque ele vai permitir uma multiplicação imensa de transporte de riqueza para o Estado do Rio de Janeiro.

E não é só o porto de Sepetiba, não. Estamos discutindo um pólo gás-químico no Rio de Janeiro. Vamos fazê-lo, e o Governador sabe disso. Estamos multiplicando os serviços telefônicos com investimentos de algumas centenas de milhões de reais. E, se falo do Rio de Janeiro, poderia dizer o mesmo sobre cada Estado do Brasil, porque o Brasil – depois de uma catástrofe inflacionária, de corrupção, desmando, incapacidade dos governantes de terem a coragem de olhar cara a cara o trabalhador – tem rumo.

Este rumo vai ser mantido com o nosso esforço e o de todos os brasileiros. É o Brasil confiante, o Brasil que sabe, sim, que há injustiça, sabe, sim, que há pobreza, miséria, ignorância e doença, mas sabe, também, que já estamos preparando os caminhos para que isso seja amenizado e para que, a despeito de todas as dificuldades, de todas as incompreensões, nós continuemos criando um Brasil mais solidário.

É por isso, Senhor Presidente da Companhia, Senhor Governador, Senhores Ministros, Senhores Representantes dos empregados, Senhores Diretores, que estou aqui, para reanimar-me, para encher-me, mais uma vez, de confiança na certeza de que alcançaremos aqui-

lo com que sonhamos muitas vezes nas nossas decisões em Brasília, na nossa infundável discussão com o Congresso Nacional, pedindo que façam o que é necessário fazer, que tenham coragem de assumir responsabilidades e de explicar ao povo por que se tomou a decisão.

Neste momento, ao vir aqui, eu me encho novamente de entusiasmo e tenho certeza de que, juntos, vamos continuar levando este Brasil para a frente. E esta Companhia Siderúrgica Nacional é, de novo, como foi há cinqüenta anos, um marco de um Brasil vigoroso, crente em si mesmo e, sobretudo, de um Brasil que tem certeza de que não basta o progresso, de que, além do progresso, nós precisamos de justiça e de que a justiça virá com o esforço coletivo.

Eu os felicito e agradeço, dizendo aos senhores: continuem firmes. No que depender do Presidente da República, as medidas que forem necessárias, sendo justas, quaisquer que sejam as dificuldades, nós vamos lutar para obtê-las. Poderemos conseguir ou não, mas não vamos esmorecer, porque sentimos que está na hora – como foi no fim anos 30 e nos anos 40, quando se deu a arrancada para a industrialização – de uma nova etapa dessa industrialização e que, sem ela, o Brasil não vai para diante; mas, com ela, com o esforço dos senhores e de todos nós, vamos dar mais um passo, definitivo desta vez, para que o Brasil possa inserir-se no contexto internacional de maneira autônoma, segundo os seus interesses, mas realista, entendendo o momento e tomando as decisões pertinentes, para que não percamos mais uma oportunidade histórica.

É para esta aventura, que já não é mais aventura, é uma quase certeza, que eu vim aqui lhes dizer: vamos juntos que nós vamos vencer.

Muito obrigado.

